

DELOUYA, Daniel. *Epistemopatía*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 107 p. ISBN 85-7396-277-1.

Mas o que há em um nome?

O livro de Daniel Delouya provoca o leitor antes mesmo de se chegar às primeiras páginas. Ele nos interpela desde seu título, *Epistemopatía*, ao conjugar conhecimento (*epísteme*) com paixão, sofrimento, passividade, patologia (*pathos*). Sua provocação é resultado de uma pesquisa de pós-doutoramento, na qual objetivava uma investigação acerca dos modos específicos de conhecer e descobrir na clínica psicanalítica.

Da primeira à última página exerce amplo questionamento acerca das condições nas quais emergem no analista desenhos psicopatológicos que configuram o desejo do paciente. A propósito do termo psicopatologia, o autor aproxima-se da concepção de Fedida, como “figurações hipotéticas no analista, veiculadas pela transferência e oriundas do desejo inconsciente que impregna as transformações e o remanejamento do conjunto sintomático no decorrer do trabalho analítico” (p. 87). Tece uma pesquisa com os fios do conhecimento e da psicopatologia, criando, a partir da trama dos nós, a tensão que suportará a investigação sobre as operações e os procedimentos que fazem curar, modificando o saber do psicanalista e da psicanálise.

Seu interesse ao examinar os supostos modos de conhecer, próprios à psicanálise, pretende expor um sistema de referências e os procedimentos específicos que constituem sua lógica de descoberta, à semelhança do

que ocorre no campo científico. O paradigma questionado ao longo do livro interroga a possibilidade de tratar a psicanálise em paralelo ao modelo científico. Ao perseguir a veracidade do paradigma, faz uma revisão bibliográfica das principais correntes da filosofia do conhecimento na ciência, examinando suas idéias centrais e a relação destas em relação à psicanálise. Verifica no interior do campo psicanalítico duas orientações para abordar o problema. Uma que parte da metapsicologia, e outra cujo eixo é o espaço analítico e seu método.

O autor identifica a influência da concepção de ciência de Francis Bacon no universo da psicanálise inglesa, filiada à IPA. Influência localizada no uso lingüístico-conceitual de noções como “percepção”, “observação”, “fatos”, “validade”; assim como no tipo de racionalidade adotada nessa corrente, legitimando “cientificamente” seus procedimentos de produção de conhecimentos e suas publicações. Aponta Bion como, a um só tempo, representante dessa escola e também sua exceção, observando que este “combinou as posições kleinianas com parâmetros baconianos; aprofundou Klein e foi além dela para criar a teoria psicanalítica do pensamento. Por outro lado, aceitou conscientemente a concepção baconiana de produção do conhecimento, além de fundá-la sobre a teoria kleiniana das posições” (p. 28).

Encontra-se, ao habitar as páginas de *Epistemopatía*, com as duas fontes essenciais da psicanálise para o enriquecimento

da construção teórica. A primeira e maior delas é a experiência clínica. Esta permite que a psicanálise não se confunda com uma elucubração pseudo-filosófica. É da escuta da palavra dita pelo analisando que se retira tanto suas grandes descobertas, como suas mais complexas interrogações. A segunda fonte situa-se nas conexões da psicanálise com os saberes oriundos das mais diversas disciplinas que questionam o saber psicanalítico.

Ao explorar a vertente da experiência clínica, circunscrevendo os modos de conhecer e a lógica da descoberta no trabalho da psicanálise, o autor apresenta várias passagens ao leitor. Ele nos oferece, entre outras, uma reflexão sobre um fragmento extraído da primeira sessão do *Homem dos ratos*, assim como, a partir de um relato de uma passagem na análise de uma paciente sua, na qual o trabalho da supervisão opera uma mudança de rumo (p. 19). Desta experiência Delouya destaca o ponto no qual o analista termina por “ver-se fazendo” em lugar de “ouvir-se dizer”, isto é, “precipita-se na ação à qual a transferência o impele, ou vê-se inibido, ou capturado no lugar para o qual esta o destina” (p. 78). Nesse ponto o leitor se indaga acerca da relevância do trabalho da supervisão nos modos de conhecer.

A interlocução estabelecida com Major (1976), em “Como a interpretação vem ao analista”, possibilita uma articulação da lógica da descoberta disparada pela situação analítica. Ressalta a vertente intersubjetiva, ilustrando-a por meio de vinhetas clínicas suas e de Major.

Investigando a lógica da descoberta, o autor desperta em seu leitor o desejo de conhecer mais, de ser mais atravessado pelos saberes, sejam estes oriundos da psicanálise ou de outras disciplinas. Em *Epistemopatía*, diante do diálogo estabelecido entre o fazer psicanalítico e o fazer científico, o autor alcança o objetivo sublime de

animar o leitor, por meio da sua obra, a uma autoria própria.

Podemos perguntar, como um dos personagens de Shakespeare na tragédia *Romeu e Julieta*: “o que há em um nome?” (1911). A provocação da criação de um nome pelo autor convoca o leitor para um debate, dobrando-se em uma série de questões relevantes para o campo psicanalítico, trazendo ainda mais vigor para sua pesquisa.

Alguns sociólogos entendem que hoje vivemos em uma “sociedade do conhecimento”, ou “sociedade da informação”, marcada pela dominação de especialistas profissionais e seus métodos científicos. Segundo alguns economistas, vivemos em uma “economia do conhecimento”, ou “economia da informação”, configurada por uma expansão de ocupações produtoras ou disseminadoras do conhecimento (Burke, 2003, p. 11). Há historiadores que prevêem uma definição, por parte de seus colegas do futuro, para o período em torno de 2000 como a “era da informação”. Com sua pesquisa, Daniel Delouya leva a psicanálise para um debate com estes sociólogos, economistas e historiadores, que concordam em definir nosso próprio tempo em termos de sua relação com o conhecimento. O debate rigoroso reacende duas inquietações do fundador da psicanálise: a de alinhá-la no campo das ciências naturais e a de mantê-la leiga. Com a recente aprovação da regulamentação da profissão de psicanalista na França e as tentativas de regulamentação aqui no Brasil, a discussão objetivada por essa pesquisa oferece um estofado de rigor ímpar para subsidiar o escopo político sobre as conseqüências decorrentes de sustentar ou não a indicação do fundador de uma psicanálise leiga.

Com sua tocha clínica, Daniel Delouya ilumina os escuros desvãos do sistema universitário, permitindo-nos interpelar o poder de instituições como as universidades

para definir o que conta e o que não conta como conhecimento legítimo. Com relação ao poder de definir que espécie de conhecimento é legítimo, sua importância já era óbvia para A.C. Beeching, satírico vitoriano, que colocou na boca de Benjamin Jowett o dito segundo o qual “o que eu não conheço não é conhecimento” (Burke, 2003, p. 25). No caso do autor de *Epistemopatía*, a discussão de tal dito encontra-se de saída no nome que ele inventa para sua pesquisa.

Referências Bibliográficas

BURKE, P. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MAJOR, R. (org). *Comment l'interprétation vient au psychanalyste*. Paris: Aubier, 1976.

SHAKESPEARE, W. Romeo and Juliet. In: _____. *The complete works of William Shakespeare with the complete notes by Israel Gollancz*. New York: Edited by William George Clark and William Aldis Wright, 1911. Publishers Grosset & Dunlap.

Fátima Milnitzky

Psicanalista; Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* de São Paulo; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade São Marcos; Membro da APEP (Associação Paulista de Estudos Psicanalíticos).

e-mail: fatimamil@terra.com.br